

**UMA VISÃO SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM CRIANÇAS
PEQUENAS A PARTIR DE ATIVIDADES LÚDICAS E DOS CAMPOS DE
EXPERIÊNCIA**

***A VIEW ON THE DEVELOPMENT OF ORALITY IN YOUNG CHILDREN FROM
RECREATIONAL ACTIVITIES AND FIELDS OF EXPERIENCE***

Ana Julia de Miranda da Silva¹

Thiago Ferigati Squiapati Nicolau²

RESUMO

Sobre o processo de ensino e aprendizagem, nos dias atuais, entende-se que, na Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, não acontece diferente das demais, também é preciso que seja gerada a aprendizagem significativa, como vem sendo apontado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em que se estabelecem os direitos de aprendizagem e os campos de experiência em uma nova forma de organizar o ensino. Para a educação infantil, foram designados 5 (cinco) campos de experiência, que são fundamentais às crianças de até 5 anos de idade, principalmente em sua vivência de interagir e de se expressar. O objetivo geral desta pesquisa é investigar como está sendo a prática pedagógica na Educação Infantil em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem da linguagem oral dos seus alunos de 4 a 5 anos. Ocorre, no trabalho, como manifestação de uma pesquisa de campo, uma coleta de dados, em que a pesquisa se preocupa com a manifestação dos professores da Educação Infantil em razão de como eles trabalham a própria oralidade e como essa ação educativa está relacionada aos campos de experiência e aos momentos lúdicos, ou seja, a situações de jogos e brincadeiras com os alunos, não deixando de pensar na implicação dessas atividades para o pleno desenvolvimento do discente. O trabalho constata que a oralidade, aqui pesquisada, é uma importante prática de linguagem no desenvolvimento das crianças, em

¹ Graduada em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: anajulia-24@hotmail.com

² Docente no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP. E-mail: thiagoferigati@yahoo.com.br

especial de 4 a 5 anos de idade, em que a aprendizagem da criança pode-se manifestar por jogos e brincadeiras, motivados pela própria interação.

Palavras-chave: Oralidade. Educação Infantil. Desenvolvimento. Jogos. Brincadeiras.

ABSTRACT

Concerning the teaching and learning process, nowadays, it is understood that in Early Childhood Education, the first stage of basic education, it is no different from the others, significant learning must also be developed, as has been pointed out in Base Nacional Comum Curricular (BNCC), which establishes learning rights and fields of experience in a new method of organizing teaching. In view of this, five areas of experience have been designated for Early Childhood Education, which are essential for children up to 5 years old, mainly in their experience of interacting and expressing themselves. The main focus of this research is to investigate the way educational practice in Early Childhood Education is being conducted in relation to the development and learning of the oral language of its students from 4 to 5 years age. It occurs, in the work, as a manifestation of a field research, a collection of data, in which the study is concerned with the manifestation of the teachers of Early Childhood Education because of how they work their own orality and how this educational action is related to the fields of experience and ludic moments, that is to situations of plays with students, not forgetting the implication of these activities for the full development of the child. The project establishes that orality, researched here, is an important practice of language in the developing of children, especially from 4 to 5 years of age in which the child's learning can be expressed through games and activities, motivated by their own interaction.

Keywords: Orality. Early Childhood Education. Development. Games. Plays.

1 INTRODUÇÃO

É fundamental que se tenha a informação sobre a visão que educadores têm hoje do trabalho sobre a prática de linguagem oral, devidamente planejada e executada na Educação Infantil, principalmente no tocante à utilização dos jogos e

das brincadeiras para o processo de aprendizagem, em meio à interação e à convivência que as crianças devem ter um com o outro, tendo em vista, ainda, a questão da diversidade cultural.

Observamos atualmente, que a questão é que nossas crianças precisam de “liberdade” para aprender em um processo educativo e, para isso, é necessário que elas devam estar envolvidas nos momentos lúdicos, introduzindo os jogos e as brincadeiras em seu meio de aprendizagem, para garantir, assim, a interação e a afetividade, sempre, por isso, desenvolvendo a comunicação oral para expressar seus sentimentos e desejos.

Assim, o objetivo desta pesquisa é abordar como os profissionais da área da Educação Infantil estão desenvolvendo a oralidade de seus educandos a partir de jogos e brincadeiras, dentro de um respeito às habilidades previstas nos campos de experiência para crianças pequenas (4 a 5 anos), ou seja, o presente trabalho é necessário para discutir sobre a importância da oralidade na Educação Infantil de crianças de 4 a 5 anos, neste momento em que os alunos observam, assimilam e expressam os seus sentimentos por meio da própria linguagem oral.

E, dentro desse contexto educacional, o professor é essencial, pois será ele o responsável de “provocar” o desenvolvimento da linguagem oral nos momentos de brincadeiras ou de jogos com a sua turma. Assim, somente com essa interação é que os alunos trabalham a comunicação, a afetividade, o cognitivo, a coordenação motora, o social e o cultural da criança, pensando, assim, no que se chama de formação integral do indivíduo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho de pesquisa tem como base as considerações de diversos teóricos da área educacional, entre eles Celso Antunes (2008), Kishimoto (1994), bem como conceitos relevantes propostos pela B.N.C.C (2017), todos voltados para os jogos e as brincadeiras na Educação Infantil e, principalmente, a oralidade interligada nesta aprendizagem, informações indispensáveis para introduzir sobre o assunto e dar mais experiência para lidar com a pesquisa de

campo, que proporciona sempre uma preparação para a formação da carreira docente.

O livro *O jogo e a educação infantil*, do autor Tizuko Kishimoto (1994), nos vem apresentar a diferença entre os jogos e a brincadeira e/ou brinquedo, demonstrando como isso deve ser assimilado pelos alunos e para que servem. Sobre o jogo, o autor comenta sobre as variedades que existem em nosso meio, como o próprio “faz de conta”. Jogo é aquele que se faz por regras e a cumpre, mas ele também explica a diferença entre a brincadeira e o brinquedo. A brincadeira é livre, sem regras ou divergências, é o momento lúdico da criança. O brinquedo é apenas um “suporte” das brincadeiras e é utilizado pelo docente como material pedagógico. A oralidade, nossa prática de linguagem pesquisada, aparece e é explorada em cada jogo, brinquedo ou brincadeira, por meio de uma instrução ou um momento de comunicação.

O autor Celso Antunes (2008), por sua vez, também fala sobre o jogo de uma forma em que está vinculado com a “estimulação do crescimento e aprendizagens”, em que se dá por um momento de relações interpessoais ou em mais sujeitos, utilizando de autores, tais como Freud, Vygotsky e Piaget, que também citam sobre a importância do brincar. Ele cita, ainda, um momento em que Vygotsky, em 1933, fala sobre o brincar da seguinte forma:

A criança que brinca está desenvolvendo a linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais, construindo conceitos de relações espaciais e se aprimorando de relações de conservação, classificação, seriação, aptidões visuo-espaciais e muitas outras. (p.19)

Para Vygotsky a criança se desenvolve atrás do seu contato com o meio que habita, somente assim ela poderá construir seus conceitos e aprimorar suas relações de fala, pensamento e planejamento e entre outras. Ainda destaca sobre o falar da criança na Educação Infantil. De acordo com Antunes (2008, p. 53):

É essencial que a exploração da oralidade não surja como desafio para o aluno, como tarefa eventual, projeto circunscrito a uma fase, mas que se incorpore aos objetivos do planejamento pedagógico e que cresça na sequência em que deve crescer toda aprendizagem.

Na sequência, o autor em referência continua dando exemplos de jogos que introduzam a oralidade, para o desenvolvimento do aluno, vinculando esse tema ao planejamento das atividades propostas.

Na B.N.C.C (2017) aparecem detalhadamente ações relativas aos campos de experiência na Educação Infantil, que devem ser seguidos por professores nas instituições escolares, de forma que esses docentes possam aplicar suas atividades de acordo com os objetivos de aprendizagem, tendo como finalidade que os alunos consigam atingir as suas habilidades de forma significativa, se tornando-se um sujeito social. De acordo com a B.N.C.C (2017):

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constrói ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BRASIL, 2017, p.40)

Para o uso da oralidade, destaca-se um dos campos de experiência, o chamado “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, que vem demonstrar o quão importante é a introdução dessa prática de linguagem, manifestada principalmente por meio da própria escuta e imaginação, pontos fundamentais para entender a construção do pensamento e do desenvolvimento das crianças pequenas.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em seu volume 3, também é comentado sobre a linguagem oral da criança e como ela se constrói:

A construção da linguagem oral não é linear e ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do professor, dos amigos ou aquelas ouvidas na televisão, no rádio etc. Nas inúmeras interações com a linguagem oral, as crianças vão tentando descobrir as regularidades que a constitui, usando todos os recursos de que dispõem: histórias que conhecem, vocabulário familiar etc. Assim, acabam criando formas verbais, expressões e palavras, na tentativa de apropriar-se das convenções da linguagem. (p.126).

No artigo de pesquisa de Silvana Augusto (2011) a consideração acima ainda é complementada, pois vem tecer comentários sobre a importância da oralidade na vida da criança desde bebê e registra, ainda, sobre a relevância da conversa do adulto com a criança, bem como o diálogo em rodas de conversas, que, por muitas

vezes, ficam vagos e só se retratam sobre informações rotineiras que às vezes não acrescentam conhecimento e interação para os educandos:

Conversar com as crianças deveria ser uma atividade diária. Mas, nem sempre isso ocorre. Muitas vezes, os professores utilizam a roda de forma artificial, desprovida dos propósitos sociais de uma real situação de comunicação, pois conduz atividades como: dar recados, informações etc. Nas salas dos menores, é comum imperar o silêncio ou falas muito estereotipadas e infantilizadas, afastando os bebês do contato com a linguagem em toda a sua complexidade. A roda de conversa é usada, muitas vezes, como meio de apresentação de assuntos, de instrução do professor para uma atividade ou para as etapas de trabalho de um projeto, mas a comunicação quase sempre fica centrada na fala do adulto, restando à criança o lugar de ouvinte, tantas vezes respondendo em coro. (p. 58).

Ainda não menos importante encontra-se, em artigo desenvolvido por Santos e Farago (2015), considerações acerca do processo do desenvolvimento da linguagem oral da criança da educação infantil, relatando o fato dos momentos em que os pequenos ficam na tevê eles também aprendem. De acordo com as autoras (2015, p.125):

As horas em que os pequenos passam na companhia da tevê contribuem ao desenvolvimento oral, pois apresentam a eles diversas situações em que utilizam a fala fazendo-a um instrumento fundamental na vida dos personagens. Assistindo tevê as crianças têm acesso a modelos de falantes aproximando-se da maneira correta de falar, e até na tevê alguns personagens instruídos cometem erros grosseiros de concordância, portanto não basta deixar as crianças na frente da tevê e sem selecionar os melhores programas a serem assistidos. Os adultos podem questionar as crianças sobre quais programas elas mais gostam quais os personagens preferidos, podendo também ler histórias relacionadas aos desenhos animados como o “Rei Leão” ou “Branca de Neve” fazendo comparações e depois pedindo que as crianças recontem a história, contribuindo não apenas para o desenvolvimento oral amis [sic] também para a vida emocional e afetiva. (2015, p. 125).

A aprendizagem da linguagem oral da criança ocorre, portanto, em todas as partes do meio social, seja em casa, na rua, na escola ou pelas mídias, assim, tendo todos os diferentes espaços sociais como grandes influenciadores nesse processo, de forma a aprimorar os conhecimentos das crianças. A oralidade é, portanto, um meio de comunicação ativa da sociedade, pois é por ela que se tem um meio de interação e de expressão e sentimentos.

A oralidade está presente em todos os momentos da aprendizagem de um ser humano, seja ela na escola ou na sociedade. Desde muito cedo, o indivíduo tem contato com a linguagem oral e passa a utilizá-la para o resto de sua vida, pois é um dos meios de comunicação mais presentes no cotidiano de uma sociedade.

E para que a torne eficiente, e que ocorra uma aprendizagem significativa nos momentos didáticos, é de grande importância o papel da escola e do professor, pois são os grandes colaboradores para o processo de aperfeiçoamento da linguagem oral. Quando pensamos na oralidade, na educação infantil, pode-se imaginar que é a prática de linguagem mais utilizada pelos professores, em que as exposições de trabalhos dos alunos são todos por meio da fala, já a escrita ainda não está tão presente na pré-escola e sim a partir do Ensino Fundamental.

No livro “Oralidade na Escola” das autoras Telma Ferraz Leal e Siane Gois (2012), existe um discurso sobre as formas didáticas de se trabalharem com os alunos, em que elas citam grandes autores que colaboram em sua pesquisa com professoras de Educação Infantil, como Schneuwly (2004), Dolz (2004) e Zabala (2004) em que se referem à sequência didática:

[...] Para Schneuwly e Dolz (2004b) e para Zabala (2004), a sequência didática é um procedimento que, apoiado na concepção socioconstrutivista, considera que a atividade cognitiva do sujeito deve ser mediada pelo professor. A estrutura base do procedimento em tela confronta os indivíduos com práticas de linguagem conhecidos do seu meio – os gêneros primários – para que, mediados pelas interações ocorridas no ambiente formal da escola, eles se apropriem dos gêneros secundários, práticas de linguagem mais complexas. (p.182)

O processo dessa aprendizagem da linguagem oral dos indivíduos tem de ser gradual, para que exista um aperfeiçoamento em todo o processo de aprendizagem, sendo significativo ao indivíduo, principalmente para o desenvolvimento futuro da escrita, previsto para ser consolidado no Ensino Fundamental. Mas desde que o aluno ingresse na educação, principalmente na pré-escola, o aluno já traz, em sua bagagem, a fala, pois está presente no seu meio social e é o papel da escola explorar essa cultura oral dos alunos.

2.1. A oralidade sendo explorada desde os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEI) – anos 90

No presente Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, mais especificamente em seu volume 3, intitulado de “Conhecimento de Mundo”, há um relato sobre o desenvolvimento oral das crianças em todos os seus momentos de desenvolvimento, desde bebês até o período de 4 a 6 anos de idade. Quando bebês, é o momento em que surgem as interações por meio da oralidade (fala) e das expressões (gestos), esse é o primeiro contato da criança com o mundo da linguagem oral e, desde tempo em diante, vem o aprimoramento da criança com a fala em razão do contato do seu meio de convivência.

Ao se referir às brincadeiras e às interações com os bebês, o RCNEI vem comentar a importância delas na trajetória do desenvolvimento da oralidade das crianças:

As brincadeiras e interações que se estabelecem entre os bebês e os adultos incorporam as vocalizações rítmicas, revelando o papel comunicativo, expressivo e social que a fala desempenha desde cedo. Um bebê de quatro meses que emite certa variedade de sons quando está sozinho, por exemplo, poderá, repeti-los nas interações com os adultos ou com outras crianças, como forma de estabelecer uma comunicação. (p.125).

Em continuidade, o documento registra de todos os momentos do desenvolvimento, como o período de 1º ano de idade, em que a criança relaciona os sons, os ritmos, os volumes e, assim por diante. A importância sobre as brincadeiras para todo esse desenvolvimento é novamente citada no documento. Percebe-se, assim, o quanto são importantes as brincadeiras na fase inicial do desenvolvimento da linguagem oral no indivíduo:

[...]As crianças vão testando essa compreensão, modificando-a e estabelecendo novas associações na busca de seu significado. Passam a fazer experiências não só com os sons e as palavras, mas também com os discursos referentes a diferentes situações comunicativas. Por exemplo, nas brincadeiras de faz-de-conta de falar ao telefone tentam imitar as expressões e entonações que elas escutam dos adultos. Podem, gradativamente, separar e reunir, em suas brincadeiras, fragmentos estruturais das frases, apoiando-se em músicas, rimas, parlendas e jogos verbais existentes ou inventados. Brincam, também, com os significados

das palavras, inventando nomes para si próprias ou para os outros, em situações de faz-de-conta[...] (BRASIL, 1998, p.126)

A construção da linguagem oral está presente em todo o meio em que as crianças estão inseridas, por meio das interações, uma vez que esta última é que proporciona o desenvolvimento das habilidades linguísticas orais. É também pela fala que a criança se expressa em seus desejos, como o fato de querer algo (ou não), se aprova algo (ou não), entre outras atitudes. A fala se amplia por recursos intelectuais, mas a fala infantil é algo próprio da criança ver o mundo e se expressar.

Para que haja uma ampliação da comunicação oral das crianças, o RCNEI registra sobre um processo de idas e vindas, em que as crianças têm que participar das conversas cotidianas, permanecerem envolvidos com as músicas, ter maior participação nas brincadeiras, leituras de textos e histórias entre outros, criando, assim, um caminho gradual para o desenvolvimento da oralidade. Em sequência, o documento também mostra as práticas que o professor pode trabalhar com os seus alunos da faixa etária de 4 a 6 anos, como as atividades de rodas de conversas, leituras, entre outras; isso tudo em razão de um trabalho ligado à interação, visando ao desenvolvimento oral da criança.

Apesar de ter sido publicado nos anos 90, esse é um dos documentos em que se abordam a importância da participação do adulto nesse processo de desenvolvimento oral, apoiando a contribuição das brincadeiras, abrindo, assim, um espaço para a discussão sobre a interação social das crianças e uma importante diretriz de como trabalhar a linguagem oral com seus alunos.

2.2. As concepções sobre oralidade por meio da BNCC

No presente documento — Base Nacional Comum Curricular (2017) —, a oralidade é muito explorada, desde a Educação Infantil, principalmente no tocante ao campo de experiência denominado “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, recordando, assim, sobre os objetivos da aprendizagem e desenvolvimento na faixa etária de bebês (que são de 0 a 1 ano e 6 meses), crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e na pré-escola que são crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). São nesses primeiros anos de vida e de escolaridade,

em que vemos ser fundamental o desenvolvimento da linguagem oral da criança, para que haja também um aprimoramento na oralidade futura no Ensino Fundamental, em que o indivíduo depende de se expressar por meio da fala e iniciar o processo de escrita.

2.2.1. A oralidade explorada em crianças de 4 a 5 anos: uma investigação do público-alvo da pesquisa

O público-alvo chamado de “crianças pequenas” (segundo a BNCC), que compreende os educandos de 4 anos a 5 anos e 11 meses, que englobam alunos de pré-escolas ou jardins I e II, são estimulados com várias habilidades específicas previstas na BNCC. Aqui é o momento de propor uma discussão sucinta sobre habilidades previstas no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, que integram a rotina de trabalho na educação infantil.

2.2.2 (EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Esta primeira habilidade, envolve o momento de expressão da criança, sendo muito comum a situação de uma atividade de desenho livre sobre os desejos dos educando, como trabalhar com recorte de imagens que retratam sua realidade, também trabalhar com as fotos de pessoas que é de sua vivência, sendo esse um passo para a construção e desenvolvimento de sua identidade pessoal.

2.2.3 (EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos; e **(EI03EF03)** Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

Nessas duas habilidades podem ser desenvolvidas várias atividades como a cantigas de roda e os saraus, mas também entra a música como um dos caminhos mais prazerosos para o desenvolvimento da linguagem oral nas crianças, em que elas passam a descobrir palavras do cotidiano, também se trabalha com a procura

das letras do nome para as palavras que conhecem, visando ao aprimoramento da oralidade como uma contação da história por meio das ilustrações e um incentivo para a literatura infantil, como para a escrita e para a linguagem oral.

2.2.4 (EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história; **(EI03EF05)** Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba; e **(EI03EF06)** Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

Para essas três habilidades, trabalhar com os teatros de fantoches e bonecos das histórias contadas pelos professores também é uma alternativa válida como procedimento, explorando, assim, a linguagem oral associada à dramatização. O professor pode escrever a história contada pelos alunos de forma oral, auxiliando em correções de fala, ou seja, nessas habilidades o incentivo das crianças entenderem o que é uma narrativa infantil e a sua importância, pois é a partir desse primeiro contato com os gêneros textuais, principalmente narrativas, que, por muitas das vezes, são contadas e recontadas oralmente, em uma espécie de paráfrase oral. Também deve haver um momento em que a criança necessita produzir sua própria história de forma oral e escrever da maneira que sabe. Em seguida expor e contar à sala, para melhor interação e comunicação.

2.2.5 (EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura; e **(EI03EF08)** Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

Para essas duas habilidades, o professor deve deixar o aluno em contato com diferentes gêneros textuais, explicando quais as suas características predominantes, para que a criança os reconheça por meio da leitura. Depois que os alunos compreendem as diferenças de gêneros mais presentes, tais como contos de fadas,

de terror, de aventura, de drama, entre outros, os alunos devem (re)contar através de uma recordação de leitura ou através das imagens.

2.2.6 (EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Pode ser trabalhada a sondagem, por exemplo, em que o professor dita uma palavra e a criança escreve da maneira que sabe, trabalhando, assim, a oralidade e a sondagem da escrita e seus processos.

Essas habilidades apresentadas, as quais podem ser desenvolvidas com os alunos, estão ligadas à comunicação do cotidiano, à socialização com o outro e ao desenvolvimento oral (e, por consequência, social) das crianças.

2.3 Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil como recursos lúdicos para o desenvolvimento da oralidade

Os jogos e as brincadeiras estão sempre presentes na vida escolar de uma criança, principalmente na pré-escola, em que tem mais trabalhos com o lúdico para que exista, portanto, uma aprendizagem significativa e prazerosa.

No livro *Jogos e Brincadeiras na educação infantil*, das autoras Maria Aparecida Cória- Sabini e Regina Ferreira de Lucena, há uma apresentação sobre o desenvolvimento da criança na unidade escolar, em que aparecem o jogo e as brincadeiras como um meio principal para o desenvolvimento prazeroso na vida escolar da criança, trazendo contribuições dos autores para complementar as ideias e para contar e divulgar atividades, em que esses recursos explorados são fundamentais. No capítulo 2 do livro, elas citam duas autoras, Garcia e Marques (1990), em que seus pensamentos são direcionados às brincadeiras e como elas são uma fonte de energia para o aprendizado da criança, sendo assim um grande meio de se ter um desempenho e criatividade a todo momento: “O aprendizado da brincadeira, pela criança, propicia a liberação de energias, a expansão da criatividade, fortalece a sociabilidade e estimula a liberdade do desempenho (Garcia e Marques, 1990, p.11 apud CÓRIA-SABINI e LUCENA, 2015, p.27)

Na sequência, as autoras comentam sobre a socialização infantil em que as brincadeiras e os jogos proporcionam às crianças, também sobre a perspectiva psicológica e antropológica que há quando uma criança brinca: na parte psicológica, as brincadeiras são analisadas em forma de grau de esforço que a criança tem, qual foi o desempenho e como foi o processo de resolução de cada brincadeira envolvendo as atividades e, no momento antropológico, são como foi a influência de étnias, dispersão, tempo e espaços, entre outros. Elas também falam sobre quais aspectos combinam com as brincadeiras e os jogos:

[...] Tais enfoques combinam as brincadeiras, relacionando-as a inúmeros aspectos: recreação, desenvolvimento de habilidades sociais, projeções psíquicas, contribuição para o desenvolvimento físico e mental da criança. Por isso, todas as abordagens são válidas, pois ampliam os conhecimentos e a compreensão da criança e de seu contexto. (p. 28)

Com isso, os jogos e as brincadeiras se revelam como de extrema importância para aprendizagem, seja ela cognitiva ou afetiva, mas principalmente do ponto de vista interacional, pois a oralidade está presente em todos os contextos em que esses recursos de aprendizagem aparecem.

3 METODOLOGIA

Quanto à metodologia, no que diz respeito à natureza do projeto, pode-se fazer o enquadramento de qualitativa, pois faz uma interpretação em torno da noção do desenvolvimento da oralidade. A base da pesquisa é um estudo de caso para levantamento de dados por meio de questionários aplicados aos professores da Educação Infantil de escola pública sobre os fundamentos e as práticas da oralidade. Os participantes são 4 (quatro) professores da referida etapa da educação básica de um município do interior de São Paulo que ministram aulas para crianças de 4 e 5 anos.

Houve pontos bibliográficos na pesquisa, tendo em vista o levantamento de livros direcionados à oralidade, aos jogos e brincadeiras e habilidades da B.N.C.C envolvendo crianças pequenas, em que os autores falam em razão do tema, para melhor aprofundamento na pesquisa de campo.

A coleta desses dados foi realizada por meio de observação indireta, com entrevista, além de levantamento e análise de relatórios e materiais coletados junto

aos entrevistados. A técnica de coletas de dados utilizada foi por meio da entrevista estruturada e o levantamento de informações, sendo que a entrevista se teve com um roteiro adaptado para cada item observado. O roteiro incluiu questionamentos sobre a oralidade introduzida nos jogos e nas brincadeiras e a sua relação com as habilidades da B.N.C.C (2017), em conformidade com o trabalho das profissionais da Educação Infantil.

Os dados coletados foram submetidos à análise interpretativa, sendo que as conclusões foram expostas apresentando um resumo das análises mais importantes, além de expor as limitações e as recomendações dos trabalhos desenvolvidos. Os dados foram analisados de forma imparcial e sigilosa, de modo que cada um dos profissionais da área da educação participantes da pesquisa não teve suas informações pessoais reveladas.

Foi obtida uma análise concreta, levada em consideração o disposto no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), tomando como base toda a manifestação dos docentes selecionados na entrevista, de maneira que o resultado correpondeu sobre o processo de ensino e aprendizagem da linguagem oral da criança na educação infantil, em especial verificada a conduta do professor em relação às atividades lúdicas realizadas com as crianças, analisando e detalhando dados sobre as estratégias de ensinar do professor.

Para a coleta dos dados, foi feita uma entrevista estruturada, com perguntas objetivas e subjetivas em relação ao trabalho prático na Educação Infantil e o pensamento sobre a importância de se trabalhar com a oralidade em crianças de 4 e 5 anos, na referida etapa da Educação Básica.

Houve perguntas pré-determinadas em relação à formação dos docentes e apenas, em seguida, foi explorada como é trabalhada a oralidade com as crianças envolvendo habilidades da B.N.C.C, inclusive pensando nos momentos lúdicos previstos nos jogos e nas brincadeiras.

Para concluir a análise desses dados, foi elaborada uma tabela em que os professores estão identificados com números: “P.1”, “P.2” e, assim, sucessivamente. Houve ainda, a elaboração de gráficos, no caso das perguntas de múltipla escolha (questões objetivas), facilitando, assim, a comparação das possibilidades de respostas por parte dos entrevistados e, por consequência, a compreensão dos

dados pelos interessados na referida pesquisa, objetivando, ainda, uma melhor contribuição para a área da educação.

4 APRESENTAÇÃO RESULTADOS

A entrevista ocorreu de forma online, pelo fato de se tratar em tempos de pandemia, respeitando o distanciamento social em razão ao vírus Covid-19, que abalou a sociedade no ano de 2020. Foi enviada a entrevista por email e respondida de acordo com o tempo de cada docente da área da Educação Infantil. Das 4 (quatro) docentes convidadas para a pesquisa, apenas 3 (três) retornaram suas respostas, em que foram levadas em consideração para a análise de dados. De acordo com um dos critérios de exclusão, foram excluídos os professores que não se sentiram seguros em responder a entrevista.

4.1 Formação dos professores.

4.1.1. Há quantos anos trabalha na área da educação? Sua graduação foi à distância ou presencial? Qual instituição? Você fez pós-graduação? Qual?

As docentes entrevistadas têm mais de 20 anos de carreira na Educação Infantil. As formações de cada uma delas ocorreram em uma universidade presencial que se localiza da região.

Das 3 (três) entrevistadas, todas fizeram pós-graduação, relacionadas à Educação Infantil, à Alfabetização e à Psicopedagogia.

4.1.2 Por que escolheu ser pedagogo(a)? O que traz satisfação na educação infantil?

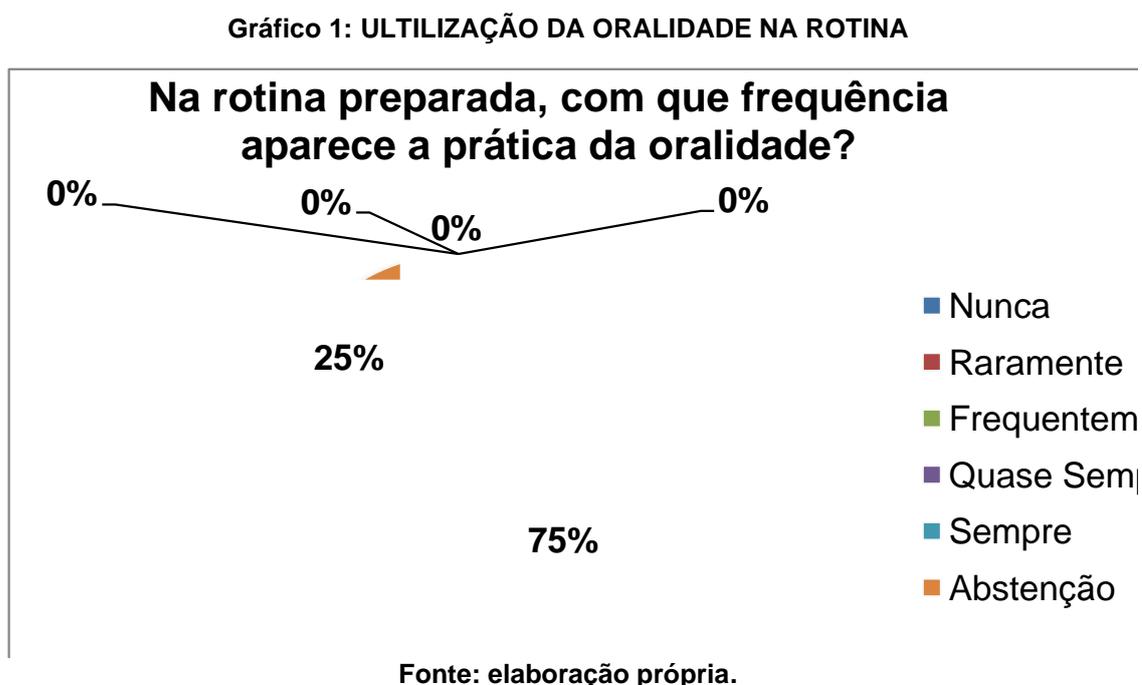
Dentre várias histórias contadas por elas, que foram importantes em suas escolhas para ser pedagogas, destacam-se: o gosto em transmitir os seus conhecimentos pedagógicos, mas também de vida; uma inspiração de professoras que marcaram suas vidas, entre outras. E as suas satisfações na Educação Infantil

são: a alfabetização e o educar; o prazer em ver o aprendizado dos alunos a cada dia que se passa; o olhar sincero das crianças; e o amor que cada aluno carrega.

4.2 Rotinas de trabalho

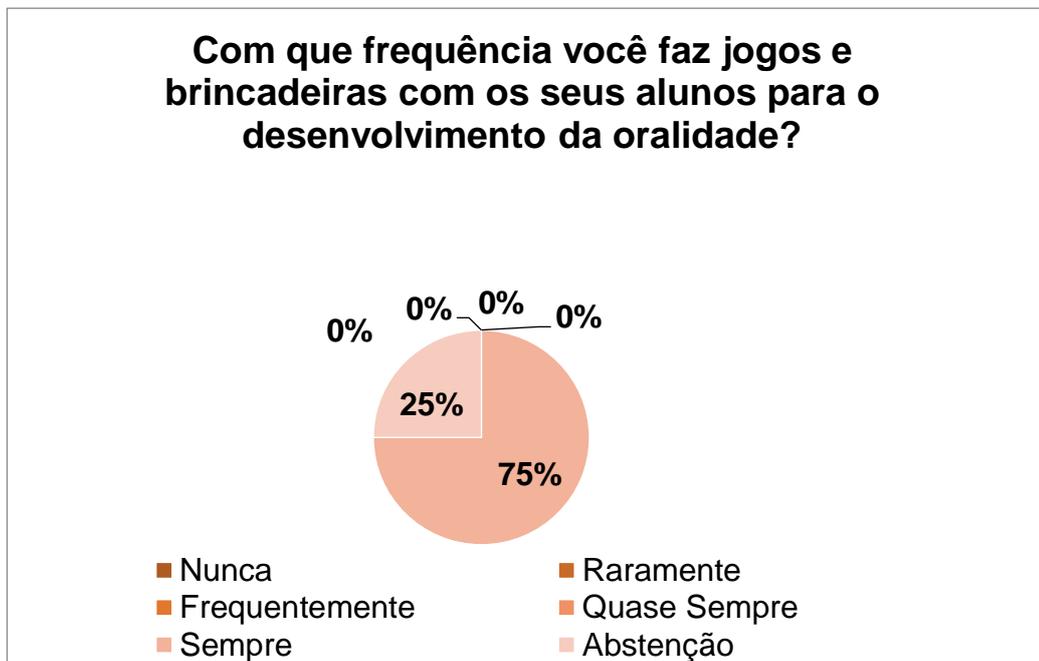
4.2.1 Frequência de atividades ligadas à Oralidade.

Indagou-se para as professoras, sobre a rotina preparada por elas, com que frequência aparece à prática da oralidade com os seus alunos e, por sua vez, 75% (sete e cinco por cento) das docentes responderam que sempre estão fazendo uso de atividades ligadas à oralidade com os seus alunos a todo o momento da aprendizagem diária. Os 25% (vinte e cinco por cento) de abstenção se referem a docente que se recusou a responder a entrevista. A exploração de atividades voltadas à oralidade pode ser colocada como um diferencial para o desenvolvimento do indivíduo, pois é por ela que a construção da escrita se inicia por conta do som da junção das letras na fala. Observe-se o gráfico 1:



4.2.2 Frequência de Jogos e Brincadeiras para o desenvolvimento da oralidade.

Gráfico 2: FREQUÊNCIA DE JOGOS E BRINCADEIRAS



Fonte: elaboração própria.

Conforme o gráfico 2, as participantes responderam essa questão com um olhar voltado para os Jogos e para as Brincadeiras (lúdico) e elas utilizam sempre esse processo de envolver principalmente as brincadeiras. É por meio da socialização e da comunicação que o indivíduo permanece no contato com outros indivíduos, aprendendo, assim, com o que está ao seu redor.

4.2.3. Avanço na exploração da oralidade nas suas aulas e/ou brincadeiras.

As 3 (três) entrevistadas que tiveram suas respostas validadas disseram que “sim”, como mostra o gráfico, e, conseqüentemente, justificaram que exploravam, diariamente, todas as atividades da sala de aula, desde o começo do dia com um simples bom dia, uma roda de conversa do dia anterior, como foi a saída da escola, até chegarem em casa e sua rotina em casa, para depois entrar na rotina diária da sala de aula, falando sobre o que irá acontecer durante todo o tempo em que permanecem na escola e que a oralidade estava presente a todo momento, em

todas as atividades das suas salas de aulas e é percebida nitidamente e nos jogos e nas brincadeiras, auxiliando, assim, na criatividade e na imaginação das crianças, como aponta o gráfico 3:

Gráfico 3: HÁ AVANÇO QUANDO SE PRÁTICA ORALIDADE



Fonte: elaboração própria.

4.2.4 Dê exemplos de brincadeiras e/ ou jogos que você utiliza, objetivando explorar a oralidade?

As docentes entrevistadas citaram algumas brincadeiras que elas utilizavam para a exploração da oralidade, tais como: leitura em roda, bingo de letras, jogos de tabuleiro, boliche do alfabeto, sequência de histórias, confecção de jogos e brinquedos com materiais reciclados, reconto de histórias, rimas, música e danças, trava-línguas, parlendas, adivinhas etc.

4.2.5 Você acha que a introdução da oralidade, no dia a dia de uma sala de aula, é um processo importante para a alfabetização e letramento? Por quê?

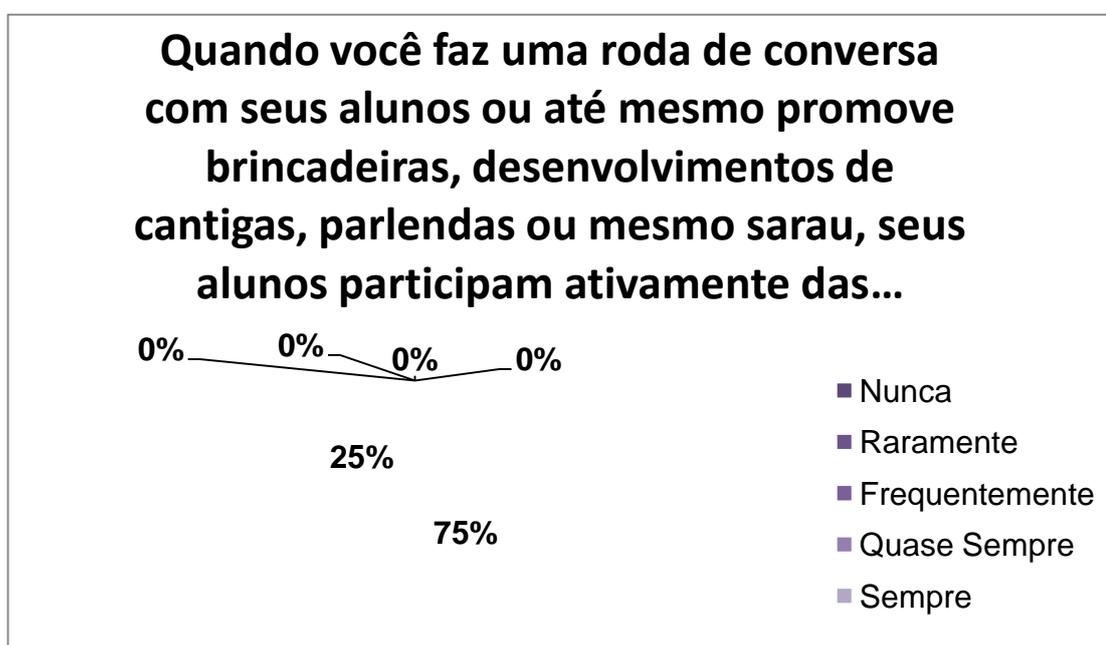
Para elas, percebe-se que a oralidade é um instrumento muito importante para a comunicação, para interpretar o que houve e responder as perguntas com lógica e clareza, pois a criança precisa, desde cedo, ter um pensamento organizado e a linguagem oral bem desenvolvida; por isso a importância da oralidade, para que

ela participe de situações autênticas de comunicação em que seja estimulada a falar e a organizar suas idéias antes de transmiti-las. A oralidade, por meio dos gêneros orais, promove o incentivo à alfabetização e à inserção dos alunos nas práticas sociais, caracterizando, portanto, o que se chama de letramento.

4.2.6 Participação dos alunos nas atividades.

Interrogaram-se as docentes sobre a participação dos alunos em relação às atividades elaboradas por elas, em que abrange a oralidade. As que participaram da entrevista, por suas respostas, alegaram que os alunos participavam “sim” e sempre se tem o diálogo presente na ação educativa, para que haja, portanto, uma aprendizagem significativa. Observem, assim, o gráfico 4:

Gráfico 4: PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS



Fonte: elaboração própria.

4.2.7. Quais gêneros textuais mais aparecem em suas atividades que desenvolvem a oralidade?

Tabela 1: GÊNEROS TEXTUAIS EM ATIVIDADES

Gêneros	P.1	P.2	P.3	P.4
Cantigas de roda	X	X	X	-
Quadrinhas	X	X	X	-
Parlendas	X	X	X	-
Peça Teatral			X	-
Outros	X	X		-

Outros: P.1 e P.2 Poesia, receitas, cartas, lendas, convite, contos de fadas.

Fonte: elaboração própria.

Pode-se identificar, conforme a tabela 1, que os gêneros mais trabalhados pelas entrevistadas, nas rotinas escolares, são: cantigas de rodas; quadrinhas; parlendas e peça teatral pela P.3, entre outros, como foram citadas pelas entrevistadas P.1 e P.2. A P.4, por sua vez, não participou da pesquisa.

4.3. Relação da oralidade com os campos de experiência da BNCC

4.3.1. Você, como docente, utiliza de qual (quais) o(s) campo(s) de experiência da B.N.C.C para o trabalho com a oralidade em seus alunos?

Tabela 2: CAMPOS DE EXPERIÊNCIA, UTILIZADOS PELAS DOCENTES

Tanto a P.1 e a P.2 utilizam os seguintes campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gesto e movimento; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.
P.3 Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Fonte: elaboração própria.

É possível observar, por meio da tabela 2, que a oralidade pode ser trabalhada em vários campos de experiências da B.N.C.C, pois todo momento a criança está dialogando e se manifestando através dessa prática de linguagem. Mas o campo em que se pode explorar mais essa linguagem oral, juntamente com jogos ou brincadeiras, é o da “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, por conta de ser um campo interativo e lúdico.

4.3.2 No campo de experiência “escuta, fala, pensamento e imaginação”, quais habilidades você trabalha com os seus alunos?

Para essa questão detalhada na tabela 3, as professoras entrevistadas tiveram as respostas praticamente iguais, de forma em que utilizam as habilidades em referência sempre em suas aulas e atividades lúdicas, sendo elas: EI03EF01; EI03EF02; EI03EF05; EI03EF07 e EI03EF09, que, pelas respostas das participantes, dá a entender que são bem utilizadas e de forma bem amplas em suas aulas e de grande importância para desenvolvimento da linguagem oral das crianças. . Seguem habilidades citadas pelas professoras, em suas atividades, de acordo com a B.N.C.C (2017):

Tabela 3: HABILIDADES DESCRITAS NO DOCUMENTO DA B.N.C.C(2017)

EI03EF01: Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.
EI03EF02: Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.
EI03EF05: Recontar histórias ouvidas para produção de reconto escrito, tendo o professor como escriba.
EI03EF07: Levantar hipóteses sobre gêneros textuais [inclusive orais] veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.
EI03EF09: Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea.

Fonte: Documento B.N.C.C. (2017)

Cabe-nos, portanto, nesta pesquisa, apontar que essas habilidades acima identificadas vêm proporcionar o desenvolvimento cognitivo das crianças, trabalhando com diferentes objetos de aprendizagem para a formação dos indivíduos. A prática da oralidade é manifestada, assim, em especial nas quatro primeiras desse último quadro, envolvendo até mesmo assuntos diversificados, tais como a expressão de sentimentos, a exploração da variação linguística, o contato com os gêneros orais e a contação de histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstra sobre a prática docente em um trabalho sobre a oralidade, utilizando o lúdico e os campos de experiência, justamente na Educação Infantil, em que se inicia o processo de aprendizagem formal do indivíduo. Nele também se encontram pensamentos de grandes autores que falam da linguagem oral e como ocorre o desenvolvimento e aprimoramento dessa prática de linguagem na Educação Infantil.

Por meio da sistematização dos dados coletados, foi possível analisar minuciosamente sobre a visão docente nas entrevistas, envolvendo os benefícios e aplicação da linguagem oral na rotina escolar ou no método do lúdico, ficando provado que a oralidade é uma grande colaboradora para a escrita, pois é sobre o som da nossa fala que se pode “juntar” as letras e, assim, constituir a escrita.

Nos resultados, ainda se verificou, por meio das respostas das entrevistadas, como ocorrem suas rotinas escolares ligadas à oralidade, pois elas comentam que as crianças precisam da interação e de comunicação, para que ocorra, por consequência, todo o processo de aprendizado.

O presente trabalho ratifica, portanto, a partir do levantamento bibliográfico e da coleta de dados fornecidos pela pesquisa de campo, que a prática docente, embasada no desenvolvimento da oralidade em crianças pequenas, a partir do lúdico e dos campos de experiência da B.N.C.C, é fundamental para que a criança se torne um indivíduo comunicativo e, conseqüentemente, social.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **O Jogo e a Educação Infantil**. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil**. Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró-Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64. Disponível em <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/446/1/01d14t03.pdf>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso em 23 02 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Referencial Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 1-3.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. 1ed. Biblioteca Virtual Universitária. Papirus Editora, Campinas- SP. 2015. Disponível em <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/2272/pdf/0?code=wsFJazB8UIdUVdpKJiXnM4ytZsU1g9WqZkk3gmCGhXkfYlu8N8sOIVIR95G6dwPj/ENupmKpqlp/Fg2kQ/pJJA==>>. Acesso 28 de julho de 2020.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O Jogo e a Educação Infantil**. 1.ed. São Paulo: Pioneira, 1994.

LEAL, Telma Ferraz; GOIS, Siane. **Oralidade na Escola**. Biblioteca Virtual Universitária. Autentica, Belo Horizonte- MG. 2012. Disponível em <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/36527/pdf/0?code=PGevqM1omAEyl66WGqzvJp9D8WxQKIHCtnQn0CEL4OJRQxkU/NgvYU/4QW+VqGq1J0cucCJnU5R86qTxcoG8sg==>>. Acesso em 20 de julho de 2020.

SANTOS, Maria Gabriela da Silva; FARAGO, Alessandra Corrêa. **O desenvolvimento da oralidade das crianças na Educação Infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. Centro Universitário de Bebedouro. UNIFAFIBE, São Paulo. 2015, v. 2, p. 112-133. Disponível em

<<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200343.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.